

## 4 O SIGNIFICADO DA FÉ CRISTÃ SEGUNDO JOSEPH RATZINGER

A principal intuição de Ratzinger que iremos abordar neste capítulo se encaminha, por assim dizer, em demonstrar que a fé cristã não é um sistema, uma ideia, uma entrega cega ao irracional, mas é um ir ao encontro do *logos*, do *sentido*, da própria verdade, por isso a possibilidade de uma verdadeira existência humana. Portanto, é necessário apresentar a fé não como uma construção intelectual fechada, mas como um caminho, que tem em Abraão o começo, onde um Deus-Pessoa atua translocalmente e de modo transtemporal. Um caminho cuja referência está naquele que pode dispor do futuro, um firmar-se, um colocar-se com confiança no chão da Palavra de Deus. Caminho que mostra harmonia entre Deus e o mundo, entre a razão e o mistério, revelando o cristianismo como síntese entre fé e razão.

Por isso nosso percurso discutirá o sentido do crer, isto é, buscará apresentar uma definição da essência da fé, que a demonstre como uma possibilidade do existir humano em relação àquela que se apresenta de modo dominante nos dias atuais, uma existência voltada para o factível, para o saber e o fazer. A seguir, desenvolverá o pensamento de Ratzinger sobre a compreensão da fé como atitude da existência humana circunscrita pela palavra *confiança*, enquanto decisão fundamental que norteia toda a vida e atinge as camadas mais profundas do ser humano. Não menos importante, corrobora a estes argumentos, a reflexão sobre a eclesialidade da fé, uma vez que “não há fé sem a Igreja”. Por fim, é necessário perquirir o argumento principal do autor: a razoabilidade da fé cristã, demonstrando que a fé implica a pessoa toda e é credível porque concilia inteligibilidade e sentimento, é relacional e voltada para a verdade, isto é, “o ato de fé cristã inclui essencialmente a convicção de que o fundamento que lhe dá sentido, o *logos*, sobre o qual nos firmamos, é justamente, como sentido, também a verdade”.<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> RATZINGER, J. *Introdução ao cristianismo*, p. 57.

#### 4.1 – Em busca de uma definição da essência da fé

O pensamento de Ratzinger apresentado até aqui nos remete à pergunta formal: o que é a fé e onde ela pode encontrar o seu ponto de partida e exercer uma função no mundo do pensamento moderno? Função esta, que tomamos como ideia norteadora de nosso trabalho, a saber: a fé cristã enquanto possibilidade de uma verdadeira existência para o ser humano. Não se trata, primeiramente, de abordar o conteúdo da fé, cuja forma concreta se encontra no assim chamado Símbolo Apostólico da Fé, mas entender o que significa a atitude de fé do ser humano para compreendê-la como possibilidade de existência verdadeira, uma vez que a fé, de fato, corresponde à natureza do homem.<sup>2</sup>

A intenção deste nosso percurso é esclarecer o que significa “crer” e o quanto esse problema só pode ser discutido com as marcas e categorias do tempo em que é formulado: “o que a afirmação ‘creio’ quer dizer e o que ela significa na boca de um cristão nos dias de *hoje*, nas condições da nossa existência atual e de nosso posicionamento presente diante da realidade como um todo?”.<sup>3</sup> Que atitude é esta, portanto, que toma o cristão, a qual manifesta que a existência cristã se exprime em primeiro lugar e ante de tudo no verbo “creio”? Se é assim que se caracteriza a vida cristã, “o âmago do cristianismo consiste no fato de ser uma ‘fé’”.<sup>4</sup>

Não é algo evidente definir o cristianismo, nem mesmo demonstrar que a existência cristã encontra a sua expressão central na palavra “credo”, pois antes de tratarmos do cristianismo enquanto religião é necessário compreendemos que se trata de uma atitude de fé; uma vez que religião e fé não são realidades coincidentes.<sup>5</sup> Embora o ato de fé tenha suas condições próprias: o homem só é capaz de ver o que Deus não é, de modo que Deus é e sempre será para o ser humano, essencialmente, o invisível, aquele que se encontra fora:

---

<sup>2</sup> Id., *Fé, Verdade e Tolerância*, p. 128.

<sup>3</sup> Id., *Introdução ao cristianismo*, p. 37.

<sup>4</sup> Ibid., p. 38.

<sup>5</sup> A interpretação de que qualquer religião pode ser chamada de fé se dá em sentido muito restrito. O Antigo Testamento, por exemplo, como um todo, não se entendia como uma “fé”, mas como uma “Lei”, uma ordem de vida, onde o ato de fé adquire importância cada vez maior. Ratzinger vê como exemplo significativo nesta distinção a religiosidade romana, na qual se entendia por “religio” a observância de determinadas formas e práxis, sem a necessidade de um ato de fé em elementos sobrenaturais. O elemento decisivo é antes a observância de um sistemas de ritos do que a adesão pessoal.

Ter fé significa decidir que no âmago da existência humana há um ponto que não pode ser alimentado e sustentado pelo que é visível e tangível, mas que toca a fimbria daquilo que não é visível, a ponto de este se tornar tangível para ele revelando-se como algo indispensável à existência.<sup>6</sup>

Mais do que nunca é necessário buscar uma definição da essência da fé. Ratzinger se lançou neste desafio e demonstrou que a fé é um dom, mas feita a um ser racional, livre, que pede um mínimo de inteligência do que crê, uma atitude de confiança e abandono naquele que é indispensável à existência.

#### 4.2 - Fé enquanto ato de firmar-se e de entender

Procuramos demonstrar no primeiro capítulo a base fundacional do pensamento atual, situado entre o *factum* e *faciendum*. Evitando qualquer condenação precipitada ou conclusão falsa sobre estas, Ratzinger constata que a fé não faz parte da relação entre o saber e o fazer, que é característica do ideário do pensamento voltado para o factível, por isso busca expressá-la numa relação muito diferente que é estabelecida pelas palavras-chaves “firmar-se” e “entender”.

Para tratar desta dimensão antropológica da fé, Ratzinger propõe o confronto entre o binômio firmar-se/entender com o de saber/fazer, fazendo da expressão bíblica fundamental e intraduzível de Is 7,9: “sem firme confiança, não vos firmareis”, um suporte para caracterização e distinção da fé: “a fé visa um plano totalmente diferente daquele em que se situam o fazer e a factibilidade, pois ela é essencialmente confiança naquilo que não foi feito por nós e que jamais poderá ser feito e que, nessa condição, sustenta e possibilita tudo o que fazemos”<sup>7</sup>.

Esta frase apontada como síntese teológica do que compreendemos como expressão da fé tem, no radical da palavra hebraica *'mn* (amen) uma multiplicidade de significados: verdade, firmeza, fundamento sólido, fidelidade, confiar-se ou crer em algo. Assim, crer em Deus dá ao ser humano uma base sólida para a sua vida; compreendendo aqui que a fé é um colocar-se com confiança no chão da Palavra de Deus.<sup>8</sup>

<sup>6</sup> Ibid., p. 39.

<sup>7</sup> Ibid., p. 53.

<sup>8</sup> A reflexão de Ratzinger está de acordo com a exegese de Luís Alonso Schökel, uma vez que, ao comentar o versículo de Is 7,9b (“Se não crederdes, não subsistirei”), na Bíblia do Peregrino, afirma que: “a frase é uma síntese teológica capital, montada sobre um jogo de conjugações: *'m lo' ta' minu ki lo' te'amenu*. A palavra de Deus é o ponto de apoio da salvação, a fé é o centro de gravidade. A palavra de Deus se cumprirá, diante

A oração hebraica, ao ser transportada para o grego, isto é, na tradução grega do Antigo Testamento (Sptuaginta), assumiu uma forma conceitualmente diferente: “Se não crerdes, não entenderéis”.<sup>9</sup> Não obstante, a essência ficou resguardada. O conteúdo da fé descrito no texto hebraico “firmar-se” tem relação com o ato de entender. Mesmo assim difere totalmente do plano em que se situam o fazer e a factibilidade e de uma tentativa de similá-la ao sentido do conhecimento da factibilidade. A fé não pode ser encontrada nessa estrutura de conhecimento, como esclarece Ratzinger:

A dúvida insistente do talvez, com que a fé questiona o ser humano em toda parte e em todo lugar, não remete a uma insegurança *dentro* do conhecimento factível, antes questiona o carácter absoluto desse âmbito, relativizando-o com *um* dos níveis da existência humana e do ser em geral que só pode ter o carácter de penúltimo.<sup>10</sup>

O confronto do binômio pode ser melhor compreendido a partir desta distinção dos dois níveis da existência. Fica claro que existem *duas* formas fundamentais do comportamento humano em relação à realidade e que uma não pode ser reduzida ou substituída à outra. Ambas se localizam em planos diferentes.<sup>11</sup>

A fé não é uma forma imperfeita de conhecimento ou uma opinião que depois deva ser trocada por um conhecimento factível, não um pré-conhecimento pronto a substituição quando diante de algo mais completo, mas trata-se de uma forma essencialmente diferente, autônomo e próprio, que não deve ser reduzido nem derivado de algum outro conhecimento.

Ratzinger insiste nesta distinção para evitar uma redução, pois, uma vez que a fé não faz parte do âmbito da factibilidade e do feito, ela situa noutro âmbito, naquele das decisões fundamentais que o ser humano precisa tomar,

dos planos humanos que não se cumprirão”.

<sup>9</sup> Ratzinger tem presente que nesta tradução com mudança conceitual se manifesta, de certo modo, o processo de helenização que permite a pergunta sobre o sentido bíblico original, uma vez que a fé, nesta versão, teria sido intelectualizada. Se na versão hebraica a fé exprime uma atitude de fincar-se sobre o chão da Palavra confiável de Deus, a grega vincula a fé com a faculdade de entendimento e da razão.

<sup>10</sup>Ibid., p. 53.

<sup>11</sup> Ratzinger recorda, para iluminar a questão abordada, a confrontação feita por Martin Heidegger da dualidade do pensamento calculador e do pensamento reflexivo, as quais são duas maneiras legítimas e necessárias que não podem simplesmente fundir-se ou reduzir-se uma à outra, mas ambas devem existir: o pensamento calculador reduzido à factibilidade e o pensamento reflexivo voltado para o sentido das coisas. Em sentido proporcional, o entender da fé, não pode ser reduzido ao factível: concentrado no factível o ser humano corre o risco de esquecer-se da reflexão sobre si mesmo e sobre o sentido de seu ser.

decisões que só podem ser tomadas de uma única forma, isto é, pela fé. Forma que não se associa a nenhuma outra, é única e inevitável:

Parece-me imprescindível ver isso com toda clareza: todo ser humano precisa de alguma forma tomar posição diante desse âmbito das decisões fundamentais; e para o ser humano não existe outra maneira de fazê-lo que não seja a fé. Existe uma área que ninguém pode contornar totalmente. Todo ser humano precisa “crer” de alguma maneira.<sup>12</sup>

Após estas considerações, é necessário inquirir no pensamento ratzingeriano o significado desse ato humano existencial, perguntando o que é ter fé. Em relação ao já apresentado, pode-se resumir, conforme a orientação do autor, o significado da fé:

- É o ato de o ser humano firmar-se na realidade como um todo, sem que esse ato seja redutível ao conhecimento, por ser incomensurável em relação ao conhecimento;
- É a atribuição de sentido que é anterior ao calcular e ao agir do ser humano e sem o qual ele nem teria condições de calcular ou de agir, porque ele só pode fazê-lo no lugar onde há um sentido que o sustente;
- É um movimento da existência como um todo, um firmar-se sobre um sentido não produzido, mas recebido;
- É a adesão ao primado do invisível e do real verdadeiro que nos sustenta e que, por isso mesmo, nos capacita a enfrentar o visível com serenidade plácida, numa atitude de responsabilidade ante o invisível como verdadeiro fundamento de todas as coisas;<sup>13</sup>
- Enfim, a fé não pode nem deve ser um produto da reflexão, pois não é um conhecimento doutrinal, mas *confiança existencial*.

A fé refere-se, portanto, àquela dimensão que dá sentido à existência humana. O ser humano não consegue viver somente da factibilidade, pois como ser humano e na sua essência humana autêntica ele vive do amor, do sentido.

<sup>12</sup> Ibid., p. 54.

<sup>13</sup> Esta colocação de Ratzinger merece uma atenção especial, pois se trata de sua intuição central na abordagem do tema da fé nos dias de hoje. Se a fé cristã assume a opção de que o invisível é mais real do que o visível deve-se admitir, então, que ela constitui uma afronta dupla contra a atitude da modernidade hoje. Se o positivismo e fenomenismo tendem a limitar tudo ao “visível”, ao “manifesto”, e a tecnologia pede confiança ao factível, a fé cristã propõe o primado do invisível sobre o visível e o do receber sobre o fazer. Trata-se, na perspectiva da fé, de um salto de confiança no invisível, atitude absurda na perspectiva científica que tende a medir tudo e encontrar na “mensurável e experimentável” o seu chão, o seu sustento.

“O sentido é o pão de que o ser humano vive na essência de seu ser”.<sup>14</sup> Não vive da factibilidade, mas do sentido, porque a factibilidade não gera o sentido. A situação básica do ser humano, então, é esta: não pode ele mesmo produzir seu sentido, pois deixaria de ser sentido, mas um absurdo. “O sentido, ou seja, o chão sobre o qual pode firmar-se e viver a nossa existência como um todo, não pode ser produzido, ele só pode ser recebido”.

E aqui, podemos rever a afirmação capital de Paulo aos Romanos: “A fé procede da audição” (Rm 10,17). Argumento imutável, que transcende o aspecto sociológico, isto é, as circunstâncias condicionadas pela época. A fé não vem “da leitura” ou “da reflexão”. O conhecimento vem “da reflexão” (tal como na filosofia), mas a característica da fé é vir “da audição”, o que significa que a fé não é um produto do meu pensamento. Todo pensar dentro da fé é, na verdade, um re-pensar sobre aquilo que se ouviu, que foi revelado, recebido. Existe na fé uma prevalência da palavra sobre o pensamento.<sup>15</sup>

É própria da essência da fé a revelação e não o raciocínio. Revelação que deve ser sempre um recebimento responsável em que aquilo que se ouviu não se torne uma propriedade pessoal. Ela é preposta, precede. Seu principal elemento é a palavra anunciada e não um produto pensado. Há, nesse sentido, uma estrutura diferente do factual, uma vez que a fé não é essencialmente individualista, isto é, não é obra de um indivíduo que, como indivíduo, constrói a partir de si, que se constrói inicialmente num espaço interior e que, só num segundo momento ele se torna comunicável quando é expresso em palavras. Diversamente, “a fé primeiramente um chamado à comunidade visando a união do espírito pela unidade da palavra. Seu sentido é de antemão um sentido social: criar unidade do espírito pela unidade da palavra”.<sup>16</sup> A experiência individual de busca, da aventura própria da fé, se dá apenas num segundo momento.

A partir dessas constatações é possível entender a estrutura dialógica da fé e, dessa, a sua forma eclesial. Por sua essência a fé está, portanto, orientada a um *tu* e ao *nós*, e é por meio dessa vinculação dupla que ela liga o ser humano a Deus. Isso implica em afirmar que, segundo a estrutura interna da fé, a relação

---

<sup>14</sup> Ibid., p. 55.

<sup>15</sup> O autor distingue estruturalmente a fé da filosofia. Na filosofia a precedência é do pensamento em relação à palavra, pois ela é fruto da reflexão. A fé, ao contrário, aproxima do ser humano externamente, por isso não é produto de uma reflexão e sim daquilo que foi ouvido, aquilo que o encontra sem ser pensado, que chama, que exige compromisso.

<sup>16</sup> Ibid., p. 69.

com Deus e a com os semelhantes são inseparáveis entre si. Logo, o diálogo do ser humano do ser humano com Deus e o diálogo dos homens entre si postulam e condicionam-se mutuamente.

Fica evidente, então, que a fé não é o resultado de uma reflexão solitária em que o *eu* chega a uma conclusão qualquer, mas que “a fé é o resultado de um diálogo, que pressupõe a disposição de ouvir, de receber e de responder, que remete o ser humano, pela relação do eu com o *tu*, ao *nós* daqueles que participam dessa mesma fé”.<sup>17</sup> Daí decorre a certeza cristã de que “a salvação não vem da grandeza do homem, mas da misericórdia condescendente de Deus”<sup>18</sup>, noutras palavras, “a fé faz com que o homem reconheça a sua incapacidade para alcançar por si só a salvação e, portanto, faz com que ele perceba o caminho, ou seja, o meio de salvação que vem de Deus”.<sup>19</sup>

#### **4.3 - Crença e existência: a fé como atitude humana fundamental**

Já apontamos teoricamente o significado da fé, segundo Ratzinger, e a necessidade de um salto em demanda do infinito. Seguiremos nesta mesma linha de pensamento, mas direcionando a abordagem conceitual para o âmbito bíblico, para colher as experiências que melhor possam descrever a fé no sentido cristão, não como um sistema misterioso de conhecimentos, mas uma atitude da existência, uma decisão fundamental sobre a direção da existência, circunscrita com a palavra “confiança”. A pergunta norteadora que exige uma resposta mais clara sobre a essência própria da fé é: que direção existencial escolhe o ser humano que se decide a afinar o instrumento de sua vida pelo tom fundamental da “fé”?

É certo que esta questão exige adentrar em camadas mais profundas do ser humano, as quais não são visíveis, mas que penetram e caracterizam o todo sem que em alguma parte possa ser medido. É necessário entrar no movimento do qual as grandes decisões fundamentais da vida procedem, seja de um grande amor ou de uma grande renúncia. Por isso que se torna impossível expor abstratamente o que significa a fé sem fazê-la compreensível em pessoas que viveram essa atitude conseqüentemente até o fim. É partindo de grandes figuras

---

<sup>17</sup> Ibid., p. 67.

<sup>18</sup> RATZINGER, J., *Dogma e Anúncio*, São Paulo: Loyola, 2007, p. 273.

<sup>19</sup> Id., *O Novo Povo de Deus*, São Paulo: Paulinas, 1974, p. 18.

da História da Salvação, da vida da Igreja, que podemos ilustrar que espécie de decisão é a fé.<sup>20</sup>

Para uma melhor resposta para a inquietante pergunta pela direção proporcionada pela fé, Ratzinger se defronta com a figura exemplar da fé, Abraão.<sup>21</sup> Ele se depara com a vida de Abraão não apenas porque se trata da primeira etapa na história da fé, mas porque proporciona o seu critério permanente.

A forma de expressão da fé de Abraão é diversa do modo como um cristão dos dias de hoje exprime a sua, não só porque lhe falta Jesus Cristo, mas também porque o monoteísmo não era ainda claramente caracterizado. Mas o importante está naquilo que consiste propriamente a fé de Abraão, isto é, na sua forma.

Podemos nos perguntar: Que exigência da fé fez de Abraão uma das maiores personalidades bíblicas? Ratzinger responde demonstrando a peculiaridade e originalidade da resposta de Abraão:

Ele abandona o presente por causa do futuro. Ele abandona o seguro, o visível, o calculável pelo incerto, confiando numa palavra. Ele encontrou a Deus e em suas mãos coloca o futuro; confiando em Deus, ousa buscar um novo futuro que, antes de mais nada, é tenebroso. A palavra que ele ouviu é mais real do que o calculável que ele pode tomar nas mãos. Confia naquilo que ainda não pode ver e assim se torna capaz de partir para o que é novo, capaz de deixar de lado sua segurança. A importância da realidade e até mesmo o conceito da realidade se muda. O futuro adquire primazia sobre o presente; a palavra ouvida, sobre a paupável.<sup>22</sup>

A atitude de Abraão caracteriza a direção da fé. Demonstra a primazia de Deus sobre o eu e as coisas visíveis, o rompimento com o calculável, a abertura a um novo horizonte, infinitamente mais amplo, que se abre e chega até o eterno, o criador. Trata-se de uma atitude que termina com a conformidade com o ambiente e se abre para o todo, que não se detém em nenhum limite, mas

<sup>20</sup> Ratzinger sinaliza para figuras (Francisco de Assis, Inácio de Loyola, Teresa d'Ávila, Vicente de Paulo, e tantos quantos se lançaram na aventura da fé) demonstrando que a fé, em última análise, é um amor que se apodera do homem e lhe mostra um caminho que ele deve andar mesmo que tal caminho seja penoso. Caminho que, para um cidadão comum, se afigura sem sentido, mas àquele que deixou-se envolver por ela aparece como o único caminho, o qual não trocaria por comodidade nenhuma (cf. *Fé e futuro*, p. 24). Síntese simples, mas bastante descritiva daquele que se deixa enamorar pelo mistério.

<sup>21</sup> Vale lembrar a declaração de Ratzinger naquilo que tange às grandes figuras e sua experiência de fé: "No cristianismo, o decisivo não são as grandes personalidades religiosas: o que conta é a obediência, a humildade em face da palavra de Deus". RATZINGER, J. *Dogma e Anúncio*, p. 273.

<sup>22</sup> Id., *Fé e Futuro*, p. 27.



chega com a sua pergunta até o fundamento de todas as coisas. A fé é, portanto, um movimento da existência como um todo, pois “é ‘todo o homem’ assim como estava neste mundo vivendo e sofrendo que um dia será incorporado na eternidade de Deus, tendo eternidade em Deus mesmo”.<sup>23</sup>

A fé de Abraão se demonstra no colocar-se a caminho. A peregrinação é imagem da fé. Não se pertence mais a um lugar determinado, mas em se tornar estranho por toda a parte, sabendo que Deus que está acompanhando não é um deus local, mas um Deus ao qual todas as terras lhe pertencem. Por causa do futuro prometido pela fé, Abraão se tornou apátrida e encontrou sua pátria justamente na certeza de sua fé. Ratzinger compreende que, de fato, o cristianismo não é um sistema de conhecimentos e sim um caminho. E mais, “a fé cristã nos dá a *verdade* como *caminho*, e só quando ela se torna caminho, vira verdade do *homem*”.<sup>24</sup>

A fé, portanto, “não se confunde com uma recitação de doutrinas ou com a aceitação de teorias sobre coisas das quais, em princípio, nada se sabe e, por isso mesmo, se insiste muito em afirmar algo; ela significa um movimento da existência como um todo”.<sup>25</sup> Trata-se de uma “virada” como um todo que reestrutura a existência, significa um entrelaçamento entre *eu* e *tu*, no qual a decisão do *eu* realiza-se como resposta a uma pergunta no diálogo com o *tu*. Tal como aconteceu com Abraão, também se dá com o cristão.

O peregrinar, profissão de fé de Abrão, movido pela palavra de Deus, promoveu a união do *eu* com o *tu* que chama. Eis aí o dinamismo próprio da fé, por isso Ratzinger esclarece com autoridade que

A fé cristã não é uma ideia, ela é vida; ela não é um espírito que existe para si mesmo, ela é encarnação, é espírito no corpo da história e do *nós* que está implícita nela. Ela não é a mística da auto-identificação do espírito com Deus, e sim obediência e serviço: auto-superação e libertação do “eu” justamente porque este se vê colocado a serviço daquilo que não foi feito nem pensado por ele; libertação que consiste em ser posto a serviço do todo.<sup>26</sup>

A fé de Abraão, de todo Israel, constitui uma novidade em relação à fé dos povos que vivem ao seu redor;<sup>27</sup> mesmo assim não se trata de uma fé caída do

<sup>23</sup> Id., *Dogma e Anúncio*, p. 354.

<sup>24</sup> Id., *Introdução ao cristianismo*, p. 73.

<sup>25</sup> Ibid., p. 65.

<sup>26</sup> Ibid., p. 73.

<sup>27</sup> Cf. RATZINGER, J. *O Novo Povo de Deus*, pp. 336-342. O texto original de Ratzinger remete ao “caráter absoluto” da realidade cristã, isto é, desde os primórdios a fé bíblica e cristã não pode ser atingida pelos conceitos comuns e genéricos de religião.

céu, antes ela se realiza no embate com a fé dos outros, na seleção e reinterpretação combativa que é simultaneamente referência e transformação. Mas é preciso perguntar de novo sobre a constituição da fé de Abraão, a qual, segundo a Bíblia, representa a forma fundamental de toda a fé.

Certamente que essa fé se relaciona essencialmente com o futuro, ela é promessa. Significa a superioridade do futuro sobre o presente, a certeza de que é Deus quem concede ao ser humano o futuro. Por isso, a fé do patriarca deve ser compreendida como a passagem do mundo calculável e do cotidiano para o contato com o eterno. Não apenas um interesse pelo eterno, mas por Aquele que é eterno.

A fé coloca o ser humano num outro patamar em relação ao futuro. Um futuro não construído por suas mãos, mas na responsabilidade da resposta generosa ao projeto de Deus, prometido por Ele. Não se trata de uma inatividade, mas encaminha, introduz numa responsabilidade sobre o futuro: a responsabilidade da esperança, como afirma a Primeira Carta de Pedro (1Pd 3,15). Mas para tal atitude é necessário ousar crer que o homem está relacionado para o Eterno.

A paternidade de Abraão na fé desperta a consciência de uma lei estrutural da fé bíblica, a qual pode exprimir-se na fórmula bíblica: Deus vem aos homens só através do homem. A fé não subsiste para si, mas para o outro.<sup>28</sup> Isso se dá de tal modo que é correto dizer que, como Deus vem aos homens só através do homem, assim os homens se encontram através de Deus. “Só no inter-relacionamento é que os homens chegam a Deus e justamente a busca de Deus os relaciona entre si”.<sup>29</sup>

Indo um pouco além, Ratzinger se pergunta também em que direção para a existência resulta da decisão da fé segundo o Novo Testamento.<sup>30</sup> Perquire o pensamento paulino, no texto decisivo em que Paulo pormenorizadamente anuncia o direito cristão à verdadeira continuação da linha de Abraão (Rm 4), e afirma que a conclusão do apóstolo está na mesma medida do já dito: Abraão creu contra toda aparência que Deus iria lhe dar, através de sua mulher Sara, o herdeiro que o poderia fazer pai de muitos povos. Noutras palavras, Paulo

---

<sup>28</sup> Ibid., p. 336. Ratzinger ainda salienta, referindo-se à fé cristã: “Ela também mantém intercâmbio com o outro. Mais: a fé cristã provém de outro que ela acolhe em si e sempre carrega consigo. O homem se origina do que o precede, tornando-se, no entanto, essencialmente distinto daquilo e daquele que o precede”.

<sup>29</sup> Id., *Fé e Futuro*, p. 29.

<sup>30</sup> Ibid., p. 31.

constata que o conteúdo da fé de Abraão era a esperança da posteridade e a esperança da terra, isto é, a esperança num grande futuro.

Assim como de um ventre estéril adviria o herdeiro, o portador do futuro, portanto, como que da morte a vida. Aqui está o ponto em que se torna possível a transformação para o que é cristão. A fé cristã é a confiança no Deus que ressuscitou Jesus dos mortos e, portanto, é sempre fé no Deus que através da morte dá vida.<sup>31</sup> Assim, a fé em Cristo Ressuscitado é a fé de Abraão: promessa de um futuro, de uma terra, orientação para lá.

No entanto, trata-se de um futuro incomparavelmente maior, pois transcende o limite da morte que é a própria antítese para a relação do ser humano com o futuro, uma vez que “o homem é constituído de tal modo que não pode viver sem futuro. (...) Sem futuro também o presente se torna insuportável para ele. (...) Nada é mais difícil ao homem suportar do que ausência de futuro”.<sup>32</sup>

Todos os elementos fundamentais dessa fé permanecem e recebem uma nova fisionomia a partir do novo conceito de futuro dado pela Ressurreição. No entanto, também agora a fé significa sair do visível e calculável para algo maior, significa peregrinar e, de tal modo, uma inversão dos valores, uma nova fixação dos valores e dos critérios da existência a partir do critério do futuro, ou seja, o que corresponde ao homem não é o momentaneamente útil, mas aquilo que o orienta para a eternidade. Trata-se de compreender agora que “o homem Jesus que ao mesmo tempo é Deus é para nós a garantia infinita de que o ser-homem e o ser-Deus podem existir e viver eternamente um no outro”.<sup>33</sup>

A eternidade se torna o critério para o viver. Assim, a fé no Deus de Jesus Cristo significa fé no Deus que, atrás do muro da morte, ainda mostra um futuro e até mais intenso. Em sua estrutura, a fé no Deus que ressuscitou Jesus dos mortos é de fato a exata continuação da fé de Abraão.

<sup>31</sup>As confissões primitivas eram, essencial e simplesmente, uma confissão na ressurreição de Jesus dentre os mortos, como a de 1Cor 15,3-8, mas também a fórmula cristológica simples “Jesus é o Cristo” (1Cor 12,3) na realidade é uma confissão da Ressurreição, que é abreviada e ao mesmo tempo aberta para o seu sentido, pois que Jesus é o Cristo, mostra-se na Ressurreição, é ela exatamente que o constitui nesse *múnus* (cf. Rm 1,4).

<sup>32</sup> *Ibid.*, p. 33. Este argumento de Ratzinger pode ser considerado como um contra-senso que mostra a constituição própria do homem. O suicídio para fugir da morte ilustra esse paradoxo da existência humana. Ela está inteiramente relacionada com o futuro e no entanto, no final, o futuro lhe escapa, pois seu fim se chama: morte. Refere-se à alegria de existir e o horror do fim para aqueles que já não creem num futuro posterior.

<sup>33</sup> *Id.*, *Dogma e Anúncio*, p. 354.

Essa fé que exige colocar a existência em direção ao futuro não significa fuga para o além ou ainda uma desvalorização terrena, não se resume numa sedução a falsas esperanças ou à inatividade, passividade já condenada por Paulo (1Tes 4,11; Ef 4,28). Antes, impele atividade e responsabilidade. Justamente porque seu futuro está aberto ao eterno, o presente se torna decisivo, adquire significação maior ainda. A confiança no futuro pede constância no presente, transformação da realidade, justiça e solidariedade. Assim descreve Ratzinger essa realidade perturbadora:

A promessa de um futuro eterno pode ser para o homem não só redentora, mas igualmente aniquiladora e ameaçadora. Pois a ideia de que sua ação e sua omissão seriam medidas com o critério de eternidade, e decidem não só sobre o momento, mas para além do limite da morte, essa ideia para o homem que a leva a sério deve parecer quase cruel de modo que diante desse futuro ele foge e prefere suportar a ausência de futuro do que sujeitar-se a essa exigência.<sup>34</sup>

É da convicção de nosso autor que a fé cristã deve estar envolvida com o mundo em sua totalidade, que deve sair do seu gueto e levar consigo à esfera pública o seu conteúdo próprio, isto é, o Deus que julga e sofre, o Deus que estabelece limites e critérios; o Deus do qual viemos e ao qual nos dirigimos. Por isso, é necessário perguntar-se se Deus mesmo não é a verdadeira realidade, a condição prévia de qualquer “realismo”, de modo que, sem Ele, nada permanece intato.

Precisamente como cristãos somos chamados a construir este mundo, a trabalhar no seu futuro, para que um dia se torne o mundo de Deus que ultrapassará de longe tudo que nós mesmos jamais podemos construir. “O cristianismo não é uma religião do passado que nos quer prender para sempre a alguma coisa que um dia foi, mas uma religião da esperança do que está por vir. Uma religião que nos abre o caminho para o que vem, para a criação definitiva.”<sup>35</sup>

Por isso ele compreende quanto o próprio Concílio Vaticano II tinha como propósito conferir ao cristianismo novamente a força de fazer história. Pois o cristianismo não pode ficar restrito ao âmbito subjetivo e particular, uma vez que fazendo parte da esfera subjetiva não pode mais ser uma força determinante no grande processo da história e nas decisões que deviam ser tomadas. Assim, uma das consequências do Concílio deveria ser justamente essa: “realçar de

<sup>34</sup>Id., *Fé e Futuro*, p. 38.

<sup>35</sup>Id., *Dogma e Anúncio*, p. 355.

novo o fato de que a fé do cristão abrange a vida inteira, de que o seu lugar é no meio da história e do tempo, ultrapassando a sua importância o âmbito meramente subjetivo”.<sup>36</sup>

Para Ratzinger, “o futuro se forma onde as pessoas se unem em torno de convicções que dão forma à vida. E o futuro bom cresce onde essas convicções têm a sua origem na verdade para dentro dela”.<sup>37</sup> Assim, a fé deve tomar a forma experiencial da vida, acompanhada da alegria de pôr-se a caminho, para participar do mistério do fermento que penetra e renova o todo a partir de seu interior.

A importância desta abordagem parte de uma leitura da conjuntura histórico-sócio-cultural, pois dificilmente terá havido outro momento na história em que a questão do conteúdo e do sentido autêntico da fé cristã estivesse envolta por uma névoa de incertezas tão densa como nos dias de hoje.

A fé cristã, hoje, corre grande risco de ser transformada num mero palavreado que tem dificuldade de esconder um vazio espiritual completo, de um assombro diante da descrença em nossos dias ou o assombro que acompanha empreendimento de comunicá-la, por isso, a importância de uma compreensão da fé como possibilidade de uma verdadeira existência humana no mundo de hoje, a compreensão de que a palavra “crer” significa uma decisão da existência, isto é, viver para o futuro que Deus nos outorga para além do limite da morte. Voltar à existência na direção do eterno, dando importância para a vida, para seus critérios, suas ordens e, justamente nisso, sua liberdade.

#### **4.4 - A razão da fé**

A partir do prólogo de João está no centro de nossa fé cristã em Deus o conceito do Logos, que significa razão, sentido, mas também palavra – um sentido portanto, que é palavra, que é relação, que é criador. O Deus que é Logos nos afiança a racionalidade do mundo, a racionalidade do nosso ser, a adequação da razão a Deus e a adequação de Deus à razão, mesmo que a sua razão ultrapasse infinitamente a nossa e nos pareça tantas vezes como escuridão.<sup>38</sup>

Diante da crise da fé, perante as caricaturas e as formas raquíticas com que é apresentada, ante as manifestações equivocadas ou distorcidas da fé, isto é, de uma fé limitada e comunicada por vias apenas intelectuais por uma “Igreja

<sup>36</sup> RATZINGER, J. *Introdução ao cristianismo*, p. 12.

<sup>37</sup> *Ibid.*, p. 17.

<sup>38</sup> *Ibid.*, p. 21.

de pagãos que ainda insiste em chamar-se de cristãos<sup>39</sup>, é imprescindível colocar algumas interrogações: qual, no fundo, a forma essencial da fé? De que modo se deve configurar uma fé capaz de responder aos sinais dos tempos e assim indicar, nesta hora, ao ser humano o caminho da salvação? Como demonstrar que “a fé não cresce a partir do ressentimento e da rejeição da racionalidade, mas sim da sua fundamental afirmação e da sua inscrição numa razoabilidade ainda maior”?<sup>40</sup>

Ratzinger menciona três linhas de reflexão para demonstrar a razão da fé e em que medida fé e razão se relacionam: primeiramente é necessário entender que crer é razoável, depois que a verdadeira unidade do crer se dá na reciprocidade da inteligência e do sentimento e, por fim, que na fé cristã, há uma dimensão pessoal que é fundamental para compreender a estrutura do crer. O ponto de partida não poderia ser outro: saber que o mundo vem da razão, e essa razão é pessoa, é amor e que é isso o que a fé bíblica diz a respeito de Deus. A razão pode e deve falar de Deus, do contrário ela se mutila a si mesma.

#### 4.4.1 - *Crer é razoável*

A fé cristã reafirma que existe um Absoluto que se comunica e com quem também nós podemos comunicar-nos. Esse é um dos grandes pontos de discórdia entre a própria fé cristã que acredita na sua comunicação com o Absoluto e, de outro lado, encontra-se o caráter politeísta do ateísmo moderno.<sup>41</sup>

O caminho percorrido demonstra que a fé se realiza no ato de firmar-se com confiança num chão que sustenta, num futuro que é proporcionado por Aquele que é o fundamento de tudo, ato que concede o primado da existência ao invisível, ao Absoluto. Por isso, vale salientar que

O que se realiza nesse ato não é uma entrega cega ao irracional. Pelo contrário, é um ir ao encontro do *logos*, da *ratio*, do sentido e, assim, da própria verdade, porque a razão sobre o qual o ser humano se firma no final das contas não pode nem deve ser outra que a própria verdade de que se franqueia.<sup>42</sup>

<sup>39</sup> Id., *O Novo Povo de Deus*, p. 297. Frase colhida do texto “Os neopagãos e a Igreja” para demonstrar o ambiente de paganismo que penetrou na Igreja e, de certo modo, deturpou o conceito de fé. A frase aqui é apenas elucidativa.

<sup>40</sup> Id., *A Igreja e a Nova Europa*, p. 68.

<sup>41</sup> Id., *O Novo Povo de Deus*, p. 340.

<sup>42</sup> Id., *Introdução ao Cristianismo*, p. 56.

Se, conforme Ratzinger, o conhecimento factível é positivista por sua própria intenção de limitar-se ao que é dado e mensurável, ele não tem preocupação com a verdade, uma vez que a hipótese precisa ser comprovada pelo funcionamento da experiência. O conhecimento factível não pergunta como as coisas são por si e em si, mas visa a funcionalização para nós, a projeção do destino, como afirma a *Fides et Ratio*, 91: “Verdade é que uma certa mentalidade positivista continua defendendo a ilusão de que, graças às conquistas científicas e técnicas, o homem, como se fosse um demiurgo, poderá chegar por si mesmo a garantir o domínio total do seu destino”.<sup>43</sup>

A verdade foi substituída pela utilidade, que é confirmada pela correção dos resultados. Se o materialismo, daí decorrente, oportunizou uma redução do conceito de razão, é necessário evidenciar a razoabilidade essencial da fé. Disto resulta uma oposição fundamental entre materialismo e fé, como ele descreve:

O credo do materialismo postula que ao princípio se encontra o irracional, e que só as leis do acaso produziram a racionalidade sobre a base da irracionalidade. A razão é, pois, um subproduto da ausência da razão, e sua estrutura, assim como as suas leis são simplesmente resultado de combinações produzidas por uma instância alheia privado de conteúdo ético ou estético. (...) E o irracional continua a ser a autêntica potência originária.<sup>44</sup>

No entanto, a fé ensina exatamente o oposto, pois crer é alcançar a máxima profundidade da razão divina, uma vez que a fé é um ato de afirmação naquele que é a razão criadora: “No princípio era o Logos”, a energia da inteligência de Deus, que enche de significado todas as coisas, é a razão que se manifesta como amor. A fé, portanto, não é o mesmo que perder a confiança na razão, nem mesmo uma entrega ao irracional, em face do perigo de uma razão meramente instrumental. A primeira afirmação da fé ensina que tudo o que existe é pensamento feito realidade. O Espírito criador é a origem e o princípio que funda todas as coisas. Portanto, tudo o que existe é racional porque procede da razão criadora<sup>45</sup>.

Crer é razoável. Crer é saber que na origem de todas as coisas está a razão criadora que dota todas estas coisas de uma racionalidade objetiva, de uma lógica oculta e de uma ordem intrínseca, e que esta razão é, ao mesmo tempo, razão moral e amor.<sup>46</sup> Se a época moderna está marcada por um singular

<sup>43</sup> JOÃO PAULO II, *Carta Encíclica Fides et Ratio*, 12ª Ed, São Paulo: Paulinas, 2009.

<sup>44</sup> RATZINGER, J. *A Igreja e a Nova Europa*, p. 72.

<sup>45</sup> Estas ideias estão apresentadas em *Ibid.*, pp. 70-72.

<sup>46</sup> *Ibid.*, p. 73.

vaivém de racionalismo e irracionalidade, a fé precisa deixar brilhar sua natureza essencialmente razoável.

A fé, desde seu radical hebraico 'mn (“amen”), corresponde até certo ponto à palavra grega *logos*, incluindo em seu significado amplo as acepções de *palavra, sentido, razão, verdade*.<sup>47</sup> Por isso, não é justo pensar o mistério como inimigo da razão. Pelo contrário, urge a certeza de que “a fé salva a razão, até porque a abraça em toda a sua amplitude e profundidade e a protege contra as tentativas para reduzir àquilo que pode ser verificado experimentalmente”.<sup>48</sup> O obscurecimento da verdadeira dignidade da razão impossibilita de conhecer a verdade e de procurar o absoluto, por isso devem juntas, razão e fé, descobrir o caminho da verdade. Razão e fé ficam reciprocamente mais enriquecidas quando em relação.

Na mesma medida que a fé enriquece a razão e a salva de estar apenas a serviço de fins utilitaristas, de prazer ou poder, é justo também pensar que a razão corrige a fé de seus fundamentalismos inoportunos, que a fé, privada da razão, corre o risco de deixar de ser uma proposta universal, podendo ser reduzida a um mito ou superstição. A cooperação é necessária, tal como a Encíclica *Fides et Ratio* recordou: “A fé e a razão constituem como que as duas asas pelas quais o espírito humano se eleva para a contemplação da verdade” (FR 1). Portanto, se crer é razoável, é necessário o respeito da recíproca autonomia e relação entre fé e razão.

Com estas reflexões fica expresso a opção fundamental de Ratzinger acerca da razoabilidade da fé. É necessário passar do âmbito do conhecimento para o da vontade e do sentimento.

#### 4.4.2 - Reciprocidade de inteligência, vontade e sentimento, na unidade do crer

Crer envolve vontade e sentimento em reciprocidade com inteligência. Não pode ser apenas sentimento, mas assumindo-o, liberta-o de sua indeterminação. A fé não pertence ao indefinido, nem mesmo se trata de uma esfera estranha à inteligência. “A religião deve ser a força sustentadora da vida inteira e, sem dúvida, necessita certa inteligibilidade”.<sup>49</sup>

<sup>47</sup> Id., *Introdução ao cristianismo*, p. 57.

<sup>48</sup> Id., *A Igreja e a Nova Europa*, p. 73.

<sup>49</sup> Id., *Fé, Verdade, Tolerância*, p. 132.



Ratzinger busca no passado as raízes de um problema que assola ainda hoje a realidade da compreensão da fé. Diante da radical ameaça representada pelo iluminismo, da “religião dentro dos limites da simples razão”, F. Schleiermacher procurou salvar a religião, definindo-a como sentimento,<sup>50</sup> argumento que uma parcela da teologia do século XIX seguiu na busca de reconciliar religião e ciência. Tratava-se de buscar um novo espaço para a religião, na qual ela pudesse viver imune aos avanços dos conhecimentos da razão.<sup>51</sup> A intenção era de que a religião, reduzida a puro sentimento,<sup>52</sup> não tivesse obstáculos e, livremente pudesse exprimir-se no campo do sentimento, ficando assim garantida a sua legitimidade própria.<sup>53</sup>

Esta tentativa de reconciliação promoveu a divisão do ser humano, na medida em que distancia razão de sentimento. Promoveu-se uma verdadeira cisão com a razão e, de certo modo, uma renúncia a ela, pois a própria religião a restringiu ao âmbito do instrumental, privando-a de alcançar a verdade do ser. Nesse âmbito, também a religião é prejudicada na busca da verdade sobre Deus. No entanto, se a religião não seguir o caminho do logos, permanecerá no mito, tal como na antiguidade: a derrocada interna da religião da antiguidade deve-se a essa impossibilidade de unir as duas tendências: razão e fé.<sup>54</sup> A fé cristã deve firmar-se numa opção pelo logos, contra todo e qualquer mito ou isoladamente em si, por isso uma opção a favor da verdade.

Busca-se salvar a fé reservando a ela a capacidade de agir como puro sentimento, mas na verdade “não se salva a fé amesquinhando-a. (...) Só quando se lhe reconhecem todas as suas potencialidades é que ela adquire significado. Então, não somos já nós que salvamos a fé; é a fé que nos salva”.<sup>55</sup>

A posição da fé diante do mundo não está amparada nas definições de “opinião” e “puro sentimento”, mas na unidade das duas palavras, a grega e a

<sup>50</sup> Schleiermacher, se referindo à religião, afirmou que “a sua essência não é pensamento nem ação, mas opinião e sentimento” e ainda: “A *praxis* é a arte, a especulação é a ciência, a religião é sensibilidade e ânsia do Infinito”. Frases recolhidas por Ratzinger da obra de Schleiermacher, *Über die Religion*, Berlim, 1958, p. 29-30. Cf. RATZINGER, J. *A Igreja e a Nova Europa*, p. 73.

<sup>51</sup> Cf. RATZINGER, J., *Fé, Verdade, Tolerância*, p. 132.

<sup>52</sup> “Sentimento”, aqui, como setor particular da ação da religião no mundo da existência humana.

<sup>53</sup> Id., *A Igreja e a Nova Europa*, p. 74.

<sup>54</sup> Ver texto de Ratzinger sobre “O Deus da fé e o Deus dos filósofos”, *In.: Introdução ao Cristianismo*, pp. 103-112. É esclarecedor ao demonstrar que a religião que se recolhe ao ambiente puramente religioso, como queria Schleiermacher, cairá inevitavelmente na ruína, em consequência da separação do âmbito da razão.

<sup>55</sup> Id., *A Igreja e a Nova Europa*, p. 75.

hebraica, *logos* e *amém*, isto é, no caráter inseparável de sentido, fundamento, verdade. “Só a verdade é o fundamento adequado em que o ser humano pode firmar-se”.<sup>56</sup> Isso significa que a fé não pode destruir a inteligência, mas apresentar-se como entendimento,<sup>57</sup> uma vez que “a forma do ser humano entrar em contato com a verdade do ser não é a do conhecimento e sim a do entendimento: entender o sentido ao qual se confiou”.<sup>58</sup> É, portanto, da convicção de Ratzinger, que o entendimento pode nascer da fé.

O reto caminho para confirmar a fé não é, portanto, guardando-a na esfera do indefinido, do puro sentimento que é indeterminado, mas sim mostrando-a em toda a sua grandeza, demonstrando que a unidade do crer se dá na integração do conhecimento, da vontade e do sentimento, que o entender e o firma-se em Deus são inseparáveis, que a essência da fé cristã descrita na Bíblia não é irracionalismo; eis o diagnóstico e prognóstico de Ratzinger.

#### 4.4.3 - Dimensão pessoal da fé

A qualidade mais profunda da fé cristã reside no seu caráter pessoal. A fé cristã tem, por natureza, uma estrutura pessoal, pois é resposta da pessoa à chamada de outra pessoa: “a essência da vida cristã consiste em aceitar e viver a existência como relacionalidade”.<sup>59</sup> É mais do que uma opção por um fundamento espiritual do mundo; a fé é uma resposta existencial e relacional: a fórmula central do Credo cristão é “Creio em ti” e não “Creio em algo”.<sup>60</sup>

Se a fé é relação, então é encontro de duas liberdades. “A fé cristã encerra por natureza uma filosofia global da liberdade”.<sup>61</sup> Em contradição ao racionalismo moderno, baseado na sua autodelimitação metódica, que ao colocar o irracional na origem do racional permanece essencialmente alheio à liberdade, a fé cristã parte do primado da liberdade porque sabe que o princípio é o *Logos*, pois só o vínculo com o *Logos* garante a liberdade como princípio estruturante da realidade.<sup>62</sup>

<sup>56</sup> Id., *Introdução ao Cristianismo*, p. 57.

<sup>57</sup> O significado de entender é descrito por Ratzinger: “Entender significa firmar-se no sentido que se aceitou como fundamento e compreendê-lo. (...) que aprendamos a conceber o fundamento sobre o qual nos firmamos como sentido e como verdade, aprendendo a entender que o fundamento significa sentido”. Ibid., p. 58.

<sup>58</sup> Ibid., p. 58.

<sup>59</sup> Ibid., p. 140.

<sup>60</sup> Trata-se da forma básica da profissão de fé: “Creio em ti, Jesus de Nazaré, pois tu és o sentido (“logos”) do mundo e de minha vida”. Cf. Ibid., p. 60.

<sup>61</sup> RATZINGER, J. *A Igreja e a Nova Europa*, p. 75.

<sup>62</sup> Cf. Ibid., p. 75.

A filosofia da liberdade, que nasce da fé, tem como fórmula a liberdade do amor de Deus, que chama em Jesus Cristo e mostra incessantemente o caminho para a liberdade humana. Não é a negação da pessoa que gera a unidade com Deus, mas a relação de amor que faz com todos sejam um. O amor cria aquela unidade que é anelo mais profundo da existência humana: o encontro com o Tu:

A fé se torna o encontro do tu que me sustenta e me dá a promessa de um amor indestrutível, apesar de toda a insatisfação e insatisfazibilidade última do encontro humano; na fé não apenas aspiramos à eternidade, ela nos é realmente concedida.<sup>63</sup>

Essa peculiaridade da dimensão pessoal da fé cristã é fundamental, pois se Deus é pessoa significa que ele próprio pode manifestar-se e comunicar-se. Os elementos do caráter pessoal da proximidade, da invocabilidade, da acessabilidade se concretizam em Jesus Cristo. O Deus cristão tem um rosto, e revelou sua face em Jesus Cristo, por isso a fé cristã

vive do fato de não apenas haver um sentido objetivo, mas de esse sentido me conhecer e amar, de eu poder me confiar a ele com a atitude da criança que se sabe acolhido com todas as suas perguntas no tu da mãe. Dessa maneira, a fé, a confiança e o amor são, em última análise, uma coisa só, e todos os conteúdos que a fé envolve são nada mais que concretizações daquela reviravolta que forma a base de tudo, ou seja, o “Creio em ti”, da descoberta de Deus na face do homem Jesus de Nazaré.<sup>64</sup>

#### **4.5 – A forma eclesial da fé**

Na exposição do significado da fé para Ratzinger um aspecto central, que se encontra no âmago do cristianismo, é a constatação da forma eclesial da fé, da verificação de que “o lugar da fé é dentro da Igreja”.<sup>65</sup> A Igreja possibilita a fé enquanto movimento da existência humana como um todo. A Igreja anuncia em todas as nações fazendo discípulos pelo batismo que é o começo desta nova existência pela fé.<sup>66</sup>

<sup>63</sup>RATZINGER, J. *Introdução ao cristianismo*, p. 59.

<sup>64</sup>Ibid., pp. 59-60.

<sup>65</sup> Ibid., p. 23.

<sup>66</sup> Fé e Igreja vinculam-se pela obediência ao Senhor: “Ide por todo o mundo e pregai o Evangelho a toda criatura. Quem crer e for batizado será salvo; quem não crer será condenado” (Mc 16,15s). A missão da Igreja não reside apenas no anúncio, mas no acolhimento e no espaço da vivência de uma vida nova iniciada no batismo.

O Símbolo da Fé, forma original da doutrina cristã, é uma fórmula que nasceu do diálogo original: “Crês? – Creio!”. Esse diálogo remete ao “cremos” da Igreja. O Eu do “eu creio” encontra seu lugar devido na Igreja. “A fé procede da audição” (Rm 10,17), do anúncio da Igreja, portanto, não é fruto de uma reflexão, mas o resultado de um diálogo. A Palavra precede o pensamento; o diálogo suscita a adesão.

A profissão de fé que brota deste anúncio é adesão e conversão, um redirecionamento do ser humano no sentido de dar à vida um novo rumo. Um direcionamento para Deus, mas também um virar-se um para o outro para realizar em comunidade a glorificação de Deus. Portanto, “a fé exige união, ela clama pelo que crê comigo, ela é essencialmente relacionada com a Igreja”.<sup>67</sup>

A Igreja não é um mal necessário, ela faz parte de uma fé. E tal como a Igreja é mais do que uma institucionalização externa e uma organização de idéias, a fé também não pode ser uma idéia ou mística de auto-identificação: a fé cristã é aquela que nos dá a verdade como *caminho*. No entanto,

A própria igreja como um todo tem em suas mãos a fé apenas como um “symbolon”, ou seja, como uma metade partida, que corresponde à verdade somente na medida em que indica para além de si mesma, isto é, para aquilo que é totalmente outro. É só pela fragmentação infinita do símbolo que a fé, como auto-superação contínua do ser humano, avança para o seu Deus.<sup>68</sup>

Mas o que é a Igreja? Qual a sua finalidade? De onde provém e que relação estabelece com a fé?<sup>69</sup> Ratzinger, para demonstrar a forma eclesial da fé, parte da convicção de que Cristo tinha intenção de formar uma nova *comunidade* religiosa, um novo *povo*<sup>70</sup>, ou seja, compreende a origem da Igreja naquele que é chamado pela carta aos Hebreus de “Autor e plenificador da fé” (Hb 12,2).<sup>71</sup>

<sup>67</sup> Ibid., p. 72.

<sup>68</sup> Ibid., p. 72.

<sup>69</sup> São questões abundantemente tratadas por Ratzinger, o qual mostrou ao longo de sua produção teológica, uma forte preocupação eclesiológica. A bibliografia é abundante e não pretendemos esgotar o tema.

<sup>70</sup> Ratzinger, J. *O novo povo de Deus*, p. 77.

<sup>71</sup> Ao tratarmos da relação da fé e da Igreja não queremos abordá-las como poderiam ser tratadas a partir de questões práticas. Por exemplo: Qual é a responsabilidade do bispo na propagação da fé? Qual a missão do leigo? Para que existe o Papado? Etc. A compreensão da verdadeira relação entre ambas parte da origem e natureza da Igreja. É das questões fundamentais que devemos partir, segundo Ratzinger, para entender o dinamismo fé-Igreja e para repensar, quando oportuno, problemas singulares de ordem prática.

Para Ratzinger, Cristo quis verdadeiramente fundar a Igreja. Ele veio para congregar os que estavam dispersos (cf. Jo 11,52; Mt 12,30). Por isso toda a sua obra consiste em reunir o novo povo. Esta sua missão é de grande importância para a compreensão da Igreja: o dinamismo do tornarem-se *Um*, da mútua aproximação através do encontro com Deus, é, para Jesus, específico do novo povo de Deus.<sup>72</sup> Nesse sentido, compreende-se que “o mais íntimo ponto de reunião deste novo povo é Cristo: este povo só se tornará verdadeiramente povo enquanto for chamado por Cristo e responder à sua chamada, à sua Pessoa”.<sup>73</sup>

Os discípulos não formam um grupo amorfo, mas formam um núcleo claramente definido, os Doze. Este número é de tal importância que é completado outra vez após da traição de Judas (At 1,15-26). A vocação dos Doze, os quais são chamados de apóstolos somente depois da ressurreição, grupo realmente constituído por Jesus, segundo a narração de Marcos (3,14), tem por missão “estar com Ele e para enviá-los” (Mc 3,14). O simbolismo dos Doze é de importância capital:

Ao formar o círculo dos Doze, Jesus se apresenta como o patriarca de um novo Israel, cuja origem e fundamento os Doze devem ser. Não se poderiam expressar de modo mais claro os inícios de um novo povo, um povo que se forma agora não já por descendência física, mas através do “estar com Jesus”, que os Doze recebem e que Ele os envia a transmitir. Aqui também já se pode reconhecer o tema da unidade e da multiplicidade, predominando, porém, completamente, o aspecto do povo novo e uno expresso através da comunidade invisível dos Doze, que somente como doze realizam o seu simbolismo – a sua missão.<sup>74</sup>

O fato de Cristo procurar instaurar a sua comunidade com os Doze demonstra seu objetivo de implantar a Igreja e confiar a ela a difusão da fé. Jesus, que atribuiu a si mesmo a expressão Filho do homem, diretamente vinculada ao povo de Deus, se apresenta implicitamente como criador e Senhor do novo povo e toda a sua vida se volta para a nova comunidade eclesial.<sup>75</sup>

<sup>72</sup> Corrobora com esta afirmação as imagens utilizadas por Cristo para designar este novo povo: rebanho, convidados ao banquete de núpcias, sementeira, casa de Deus, cidade de Deus, entre outras. O próprio fato dos discípulos pedirem a Jesus que lhes ensine uma oração comum indica que eles tinham consciência de haver formado uma comunidade que deriva de Jesus e que estão ali como a célula inicial da Igreja, numa abertura comum para Deus.

<sup>73</sup> Ratzinger, *Compreender a Igreja hoje. Vocação para a comunhão*. Petrópolis: Vozes, 1992, p. 14.

<sup>74</sup> *Ibid.*, p. 15.

<sup>75</sup> RATZINGER, J. *O novo povo de Deus*, p. 77.

Junto ao grupo dos Doze, o grupo dos Setenta e Dois completa o simbolismo. Segundo a tradição judaica, setenta e dois era o número das nações (não judias) do mundo (Gn 10; Ex 1,5; Dt 32,8). Significando que Jesus reivindica para si toda a humanidade, a qual é chamada a ser discípula. O novo povo de Deus abrangerá todos os povos da terra.

Na fundação do novo povo, Jesus dá um passo decisivo ao transformar, na noite anterior a sua paixão, a páscoa de Israel em um culto totalmente novo, separando-o da comunidade do templo e fundando definitivamente um povo da “Nova Aliança”. A instituição da Eucaristia não é, portanto, um ato cultural qualquer, mas “a conclusão de uma aliança e como aliança é a fundação concreta de um novo povo, que se torna povo por sua relação de aliança com Deus”, ou seja, “mediante o acontecimento eucarístico, Jesus incorpora os discípulos em sua relação com Deus e com isto também em sua missão, que está dirigida para ‘os muitos’, para a humanidade de todos os lugares e de todas as épocas”<sup>76</sup>.

O novo povo de Deus tem também um novo centro: *ser um no Corpo de Cristo*. Portanto, não se trata de uma relação produzida por homens, mas fundada em Cristo, fazendo da Eucaristia a origem e o centro permanentes da Igreja.

“A Igreja é a comunidade que, graças à assembléia visível do culto, confirma e leva a cumprimento a sua essência invisível como corpo de Cristo”<sup>77</sup>. Os cristãos são o verdadeiro corpo de Cristo quando realmente unidos ao Senhor. A Eucaristia vitaliza o cristão enxertado em Cristo. A Eucaristia é uma forma de participação da vida de Cristo e de união à Sua vida. Portanto, à luz da Eucaristia, a Igreja é o Corpo de Cristo. Logo, sinal e mistério de fé. Sinal porque expressão do fundamento comum da fé no Deus Trino, porque professa a fé em Deus que se fez próximo e que é o verdadeiro futuro do ser humano.<sup>78</sup>

Ratzinger vê a Última Ceia como o verdadeiro e próprio ato da instituição da Igreja por Jesus Cristo, ceia em que a sua carne tornou-se comida e seu sangue bebida, convertendo-se em verdadeiro e definitivo banquete pascal. O banquete transformou-se em alicerce e em centro permanente de um novo povo de Israel. Portanto,

<sup>76</sup> Id., *Compreender a Igreja hoje*, p. 16.

<sup>77</sup> Id., *O novo povo de Deus*, p. 84.

<sup>78</sup> Cf. Id., *Introdução ao Cristianismo*, p. 63.

Cristo instituiu uma *Igreja*, isto é, uma nova e visível comunidade de salvação. Ele a quer como um novo Israel e como um novo povo de Deus, que considera a celebração da ceia como o seu ponto mais alto. O novo povo de Deus é definitivamente um povo, em virtude do corpo de Cristo.<sup>79</sup>

Tal como não se pode conceber a idéia de povo de Deus no Novo Testamento isolada da cristologia, tampouco a fé que é, por excelência, um dom de Cristo, um vincular-se a Cristo: a fé cristã faz o crente pertencer a Cristo como a Igreja lhe pertence, isto é, “ninguém de nós vive e ninguém morre para si mesmo, porque se vivemos é para o Senhor que vivemos, e se morremos é para o Senhor que morremos. Portanto, quer vivamos, quer morramos, pertencemos ao Senhor” (Rm 14,7-8). Estar radicado na comunidade dos que crêem e se colocar em marcha com Jesus Cristo e com todos os que lhe pertencem é ser sustentado por aquela confiança irradiante que Paulo exprime: “nada nos separará do amor de Deus manifestado em Cristo Jesus, nosso Senhor” (Rm 8,39).

A Igreja se designa a si mesma como “assembleia do povo”<sup>80</sup>. Assembleia que se reúne “para escutar a palavra de Deus e aceitá-la”. Todos aqueles que se aproximam de Cristo, morto e ressuscitado, constituem a assembleia, escolhida e definitiva, do povo de Deus (cf. Hb 12,18-24). A comunidade cristã não é, genericamente, o “povo de Deus”, mas sobretudo é designado por *ecclesia* porque representa o núcleo escatológico do conceito de povo.<sup>81</sup> Disso compreende-se que

Esta nova comunidade só se concretiza na dinâmica da congregação que provém do Cristo e é sustentada pelo Espírito, cujo centro é o Senhor, que se dá em seu próprio corpo e em seu próprio sangue. A auto designação deste novo povo como *ecclesia* define o povo na continuidade histórico-salvífica da Aliança, e também na novidade do mistério de Cristo aberta para o futuro.<sup>82</sup>

Destarte,

<sup>79</sup> Id., *O novo povo de Deus*, p. 79-80.

<sup>80</sup> O termo grego, que continua a viver na palavra latinizada *ecclesia*, tem sua base na raiz *qâhâl* do Antigo Testamento, que comumente se traduz por “assembleia do povo”. Tais assembleias, nas quais o povo se constituía como entidade cultural e, a partir daí, como entidade política e jurídica, existia tanto no mundo grego como no âmbito semita.

<sup>81</sup> Ratzinger compreende a amplitude do significado do termo *ecclesia* no Novo Testamento, a qual significa ao mesmo tempo a assembleia cultural, a comunidade local, a Igreja em um âmbito geográfico mais extenso e, finalmente, a única e mesma Igreja de Cristo. A variedade dos sentidos encontra unidade no centro cristológico que se concretiza quando os fiéis se reúnem para a Ceia do Senhor. Cf. RATZINGER, J., *Compreender a Igreja hoje*, p. 18.

<sup>82</sup> *Ibid.*, p. 18.

a estrutura essencial da Igreja precisa sempre de novo expressar-se em formas concretas, para permear com sua vida cada época e cada espaço; (...) A Igreja não existe para nos manter ocupados, como uma instituição mundana, nem para se conservar; ela existe, para ser em todos nós abertura e passagem para a vida eterna.<sup>83</sup>

A Igreja não é só a comunidade que nos reúne, mas também a que nos sustenta na fé. A Igreja não é apenas um grupo de ativistas que se movimentam em torno de algumas atividades, nem somente o grupo daqueles que se reúnem aos domingos para celebrar a Eucaristia. Ela é mais que o Papa, os Bispos e Sacerdotes, portadores do ministério sacramental.

A Igreja de Jesus não é minha, mas sempre a sua Igreja. A essência da conversão consiste em que eu já não procure meu partido, com meus interesses e meus gostos, mas me entregue às mãos do Cristo e me torne seu, me torne membro de seu corpo, que é a Igreja. (...) O princípio sob o qual se funda a Igreja é a obediência ao chamado do Senhor, como hoje lemos no Evangelho: ‘Chamou-os e eles, deixando imediatamente o barco e o pai, seguiram Jesus’ (Mt 4,21).<sup>84</sup>

A Igreja é a comunidade em marcha na qual ingressamos mediante a fé e na qual estão inseridos todos aqueles cujo coração se expande, no amor e na esperança, até o Cristo, “Autor e plenificador da fé” (Hb 12,2). Cristo a instituiu como Igreja, isto é, como uma nova e visível comunidade de salvação e deve estar a Seu serviço, a serviço da fé.

Assim como a fé não é um mero sentimento nem um mero ato de confiança afetiva em Deus, mas uma atitude da inteligência, uma confiança existencial que, movida pela vontade livre diz sim à Palavra de Deus que se revela, a pertença a Igreja não é um mero acessório, mas o lugar, o corpo que nos permite ser membros, que nos vincula a Cristo.

Enraizados em Cristo, sobre ele edificamos e apoiados na fé, aprendemos da Igreja e como Igreja a que a fé é a adesão à verdade e que as enganosas especulações das vãs filosofias (Cl 2,7s) não podem nos afastar da sã doutrina ensinada pela Igreja (Tt 1,9). Ressoa na Igreja as palavras de Cristo: “Se vos digo a verdade, por que não me credes?” (Jo 7,46).

A Igreja é, portanto, sinal e mistério da fé. Isto significa que uma das tarefas irrenunciáveis da Igreja será a de apresentar-se como “sinal de Deus entre os povos”, mas também em reconhecer-se como mistério da fé, como

<sup>83</sup> Ibid., p. 82.

<sup>84</sup> Ibid., p. 90.



corpo de Cristo. “Existe uma só Igreja indivisível que é ao mesmo tempo mistério de fé e sinal de fé, vida misteriosa e manifestação visível desta via”.<sup>85</sup> Ratzinger não confunde “fé” com “Igreja”; certamente que não são sinônimos. No entanto são realidades intimamente interligadas e co-dependentes. Ambas chegam até as profundezas do homem de onde constantemente brotam o novo que cria, o inesperado e o não planejado.

Por isso crer em Cristo é crer na Igreja “Corpo de Cristo”. A Igreja serve a Cristo enquanto lugar da fé, ao mesmo tempo que apresenta-se como mistério da fé. Daí decorre, no processo da evangelização, da compreensão de uma forma eclesial própria da fé. Para isso a Igreja precisa sempre de novo “encontrar nova e decididamente o seu aspecto essencial naquilo que sempre foi o seu cerne: na fé no Deus unitrino, em Jesus Cristo, o Filho de Deus feito homem, na assistência do Espírito que chega até o fim”.<sup>86</sup>

Sendo a fé um dom da escuta da Palavra de Deus e o fundamento da Igreja instaurado na obediência do Senhor, é possível verificar a íntima unidade entre fé e Igreja. A reciprocidade instaurada entre elas se dá na medida em que ambas são frutos de uma escuta e de uma obediência ao Senhor. A fé “rompe o muro do finito e liberta o olhar para a amplitude do Eterno, e não só o olhar, como também o caminho. Com efeito, a fé não é apenas conhecer; é também operar. Não é só uma brecha aberta no muro; é também uma mão libertadora que nos tira da caverna.”<sup>87</sup> Assim também a Igreja rompe com a dimensão temporal e material, não busca manter-se, mas servir e possibilitar à fé sua ação no mundo.

A Igreja, portanto, não tem finalidade em si mesma, mas estar a serviço da fé, ser lugar do serviço à fé, embora carregue a contingência da fraqueza. Por isso é necessário compreender o que a fé mesma diz da Igreja: “é força na fraqueza”, um composto de deficiência humana e misericórdia divina.<sup>88</sup> Uma vez que, “na Igreja existem as sombras constantes de grande deficiência humana, mas nela também se encontra a esperança que é necessária ao homem para poder viver”.<sup>89</sup>

Por ser a Igreja lugar do serviço à fé e mistério da fé, nela estão guardadas as fontes da força espiritual da vida humana, sem as quais essa vida

<sup>85</sup> RATZINGER, J., *O novo povo de Deus*, p. 76.

<sup>86</sup> Id., *Fé e futuro*, p. 77.

<sup>87</sup> Id., *Compreender a Igreja hoje*, p. 82.

<sup>88</sup> RATZINGER, J., *Dogma e Anúncio*, p. 218.

<sup>89</sup> Ibid., p. 221.

se torna vazia e a sociedade decai. Serva da fé, a Igreja é também serva da humanidade, uma vez que esta precisa de um sentido que dê a força para servir, criando liberdade internas em face do mundo, capacitando o ser humano a viver e agir sem pensar em si mesmo, consciente de sua esperança do homem tem um fundamento mais profundo do que a obra de suas mãos pode lhe conceder. Servir à fé é, portanto, uma necessidade existencial para o homem. O crente está a serviço da fé na medida em que coloca sua esperança, seu esforço procurando novos caminhos para a sobrevivência espiritual e não apenas produzindo o pão de cada dia. Por isso, Ratzinger salienta que:

A libertação fundamental que a Igreja nos pode oferecer consiste em nos manter dentro do horizonte do eterno e em fazer-nos sair dos limites de nosso saber e de nosso poder. Por isso, a própria fé, em toda a sua grandeza e amplitude, é sempre a reforma essencial de que precisamos. É sempre a partir dela que devemos reexaminar as estruturas humanas que se constituíram dentro Igreja. Isso significa que a Igreja deve ser a ponte da fé e não pode, principalmente na vida de suas associações dentro do mundo, colocar-se como um fim em si mesma.<sup>90</sup>

Uma pessoa não é tanto mais cristã quanto mais se envolver nas diversas atividades eclesiais; não é este o fundamento da vida cristã. As estruturas não são portadoras da vida nova, nem a fé não é dependente de tais realidades: alguém que viva da Palavra e dos sacramentos e pratique o amor que vem da fé, mesmo sem jamais ter sido visto em associações eclesiais, pode ser um verdadeiro cristão.

A Igreja está a serviço da fé, por isso não pode confundir suas estruturas humanas, carentes de constante conversão, com a fé, mas ao contrário: “Não precisamos de uma Igreja mais humana; precisamos de uma Igreja mais divina, que será então realmente humana. É por isso que tudo o que é feito pelo homem dentro da Igreja deve ser visto em seu caráter de puro serviço, subordinado ao essencial”.<sup>91</sup>

---

<sup>90</sup> Id., *Compreender a Igreja hoje*, p. 81.

<sup>91</sup> Ibid., p. 81.

#### 4.6 - Estruturas da Fé Cristã: elementos essenciais de uma visão de conjunto da fé cristã<sup>92</sup>

Demonstramos que a fé subsiste eclesialmente, não por pertencer a uma estrutura, mas por ser essencialmente vivida na comunhão do povo de Deus, a comunidade dos que crêem. A partir desta dimensão é possível perceber melhor os enunciados da fé.

A profissão de fé, segundo Ratzinger, pode ser estruturada em seis enunciados que, numa visão global, nos permitem compreender o que significa “ser cristão”, ou seja, os pressupostos básicos e essenciais da fé cristã. Noutras palavras, tais enunciados são princípios que podem ser considerados como uma espécie de fórmula de construção da existência cristã e, ao mesmo tempo, a fórmula da essência do cristianismo, de sua natureza.

A importância da apresentação destas estruturas se justifica por serem elementos tipicamente cristãos e não noções ou generalidades comuns a outras crenças. Na verdade, estes princípios são um resumo da forma básica da fé cristã que conduz o ser humano a sua plena humanização e a manifestação da sua aspiração ao absoluto. O caminho proposto por Ratzinger é especulativo, pois admitindo estes seis princípios como uma espécie de partículas elementares do cristianismo, não se fecha a existência de outros elementos tão fundamentais quanto estes.

##### a) *O indivíduo e o todo*<sup>93</sup>

A fé cristã não parte de indivíduos atomizados, mas da convicção de que não existe o ser humano isolado. O ser humano é um ser integrado no todo, na humanidade, no cosmos. Os seres humanos vivem uns dos outros num sentido muito concreto e complexo. É o ser que só pode ser a partir dos outros. É essencialmente um ser de relações. É um ser com os outros em todos os sentidos. Nele está presente o passado e o futuro da humanidade. A história é parte integrante de cada ser, ao mesmo tempo que caracteriza por estar voltado

<sup>92</sup> Trata-se em grande parte de reflexões desenvolvidas inicialmente num livro de Ratzinger escrito em 1966, intitulado *Vom Sinn des Christseins* (publicado em Munique), que foram sistematizadas num contexto mais amplo quando o autor publicou sua célebre obra *Introdução ao Cristianismo*, em 1968. Quando Bispo proferiu algumas homilias que, num cunho mais pastoral, foram retomadas algumas destas questões. Tais homilias renderam uma nova publicação: *Ser Cristão*. Nesta nossa apresentação das *Estruturas da Fé Cristã*, optamos por seguir os conceitos apresentados na obra *Introdução ao Cristianismo*, pelo carácter científico da mesma. Para ampliar ou elucidar alguns elementos pode-se consultar as obras citadas.

<sup>93</sup> Cf. RATZINGER, J., *Introdução ao Cristianismo*, pp. 182 - 186.

para o futuro. Noutras palavras, o ser humano só existe como ser humano na trama da história e na perspectiva do futuro.

É assim que a fé cristã compreende o ser humano. Não o trata como uma mônada, mas se refere ao ser humano que existe ao lado de outros seres humanos numa trama coletiva de inter-relacionamentos que determinam seu ser. O seu sentido consiste em servir à história como história, rompendo ou transformando as grades coletivas que definem o lugar da existência. Destarte, ser cristão é participar de uma diaconia em prol do todo. O cristianismo vive a partir do indivíduo e para o indivíduo, porque a transformação da história e a ruptura com a ditadura do ambiente só pode acontecer por iniciativa do indivíduo.

Aqui se encontra a originalidade do cristianismo: tudo depende de um indivíduo, ou seja, do homem Jesus de Nazaré que foi crucificado pelo ambiente, mas rompeu com o poder impessoal coletivo, o poder do anonimato que mantém o ser humano preso. Esse ser individual convida o ser humano a segui-lo, a tomar a cruz, a superar o mundo e a contribuir para a renovação da história.

Se o cristianismo vive a partir do indivíduo e para o indivíduo, ele visa à história como um todo. Mas nesse processo é dependente de *um* indivíduo. E nisto consiste o cristianismo: crer que um único, um indivíduo, Jesus Cristo, seja a salvação do mundo. O indivíduo é a salvação do todo, e o todo recebe a salvação somente do indivíduo, que é único de verdade e que por isso mesmo deixa de ser somente para si, mas “em prol dos outros”.

b) *O princípio “em prol de”<sup>94</sup>*

A verdadeira lei fundamental da existência cristã se encontra no termo “em prol de”. A fé cristã não requisita o indivíduo para si mesmo, mas para o todo. Tal como Jesus não viveu para si, mas “em prol de vós”, isto é, com uma existência aberta que possibilita e cria a comunicação de todos entre si. Noutras palavras, a existência de Cristo se completa com existência exemplar na cruz. Anunciando e interpretando a sua morte, ele pode dizer: “Eu vou e venho a vós” (Jo 14,28).

Esta implicação da existência de Cristo exige um significado próprio para o ser cristão: ser cristão significa essencialmente passar do ser em prol de si mesmo para o ser em prol dos outros. A opção fundamental do cristão, isto é, a

---

<sup>94</sup> Cf. *Ibid.*, pp. 186 - 189.

aceitação da maneira cristã de ser, significa o abandono de uma atitude de centralização em si e a adoção da existência de Jesus Cristo, voltada totalmente para o todo. “Seguimento da cruz” torna-se expressão da ideia fundamental do ser cristão que, deixando para trás o isolamento e a tranquilidade do próprio eu, afasta-se de si mesmo, para, contrariando o próprio eu, seguir o crucificado e colocar-se a serviço dos outros.<sup>95</sup>

Jesus estabelece o princípio cristão do “em prol de”: “Quem ama a sua vida perde-a; e quem deixa de se apegar a ela neste mundo a guardará para a vida eterna” (Jo 12,25). No entanto, diante da prática do êxodo da autotransposição, é necessário acrescentar o sentido evangélico da reciprocidade. Quem quer apenas dar, sem estar pronto para receber, quem viver apenas para os outros, sem reconhecer que ele próprio também vive da doação inesperável e improvável dos outros, desconhece a condição fundamental do ser humano e destrói o verdadeiro sentido da reciprocidade.

Para ser fecunda, a autotransposição precisa ser aceita pelo outro. Precisa, sobretudo, ser aceita pelo homem-Deus Jesus Cristo, que é o verdadeiro outro da humanidade, ao mesmo tempo que é totalmente um com ela. A aceitação gera a fraternidade total e inseparável entre Jesus e os homens. Assim, compreende-se o ser “em prol de” como princípio da existência humana que, quando é integrado pelo princípio do amor, se transforma no lugar da manifestação do divino no mundo. O ser humano pode vislumbrar Deus ao mesmo tempo em que o percebe como ser totalmente diferente, alteridade total, de modo que Deus fica incognoscível.

### c) *A lei do incógnito*<sup>96</sup>

A fé cristã se defronta com um paradoxo: a alteridade total de Deus, a sua ocultação com a qual o ser humano conta, assume a forma escandalosa de sua palpabilidade e visibilidade como crucificado. Aquele que é o alfa, o primeiro do mundo, aparece como o ômega, a última letra no alfabeto da criação, como a sua criatura mais vil. Partindo da fé em Jesus Cristo, compreende-se que Deus é o totalmente diferente, invisível, incognoscível.

<sup>95</sup> Ratzinger trabalha com as abundantes imagens bíblicas de êxodos para exprimir esse ser “em prol de”. A partir da figura de Abraão, passando pelo êxodo clássico do AT, a saída do Egito, percorre os diversos êxodos narrados na Bíblia como ideia fundamental que caracteriza a existência do povo de Deus: a prática do êxodo da autotransposição. A imagem da Páscoa de Cristo é categórica para tal princípio.

<sup>96</sup> Cf. *Ibid.*, pp. 189 - 190.

A Bíblia, repetidamente, apresenta a ideia de que Deus se manifesta ao mundo de maneira dupla. Deus se revela na força cósmica. O universo todo em toda sua diversidade é um testemunho do seu criador. Outra maneira de Deus se manifestar ao mundo e que o mostra mais adequadamente em seu verdadeiro ser, justamente por ocultá-lo mais, é o sinal do insignificante que não tem nenhuma importância em termos cósmicos quantitativos: Terra – Israel – Nazaré – Cruz – Igreja,<sup>97</sup> por exemplo, na qual Deus parece sumir cada vez mais no menos importante, revelando-se justamente dessa maneira como ele próprio.

A fé cristã reconhece que o nada cósmico é o verdadeiro tudo, porque o ser “em prol de” é a característica do verdadeiramente divino; que o verdadeiro sinal de Deus é o insignificante em termos mundiais, porque este remete para uma realidade totalmente diferente que é mais uma vez o incognoscível ante nossas expectativas.

#### d) *A lei da superabundância*<sup>98</sup>

A fé é uma força que ampara o ser humano nas suas limitações. Mas pela fé o ser humano encontra uma mais radical e profunda realidade: ele, sabendo que é incapaz de realizar algo por si mesmo, conta com o auxílio divino na prática da justiça e santidade. É a garantia da superabundância da graça diante do pecado humano.

A tensão entre a graça e o *ethos*, entre perdão completo e solicitação igualmente integral, no Novo Testamento, é unificado pela fé cristã com o termo “superabundância”. O discurso da graça e o do direito adquirido, isto é, a certeza de que o ser humano recebe tudo gratuitamente como um dom, mas deve doar-se e corresponder à exigência da perfeição: “Sede perfeitos, como é perfeito o vosso Pai celeste” (Mt 5,48), estão integrados por este termo recolhido principalmente da teologia de Paulo, mas presente também nos sinóticos.

A justiça humana se revela insuficiente, por isso, no Sermão da Montanha, Jesus exige uma prática diferenciada: “Se a vossa justiça não ultrapassar a dos escribas e dos fariseus, de modo algum entrareis no Reino dos Céus” (Mt 5,20). O ser humano tem necessidade da graça, pois se dependesse somente de si

<sup>97</sup> Ratzinger esclarece cada um destes meios de manifestação de Deus na Bíblia por ele citados. Por exemplo, Deus se mostra em Israel, um nada entre as potências, escolhido por ele para ser o cenário de sua aparição no mundo, ou na cruz em que pende um homem, uma existência fracassada, mas que justamente nele podemos tocar Deus até fisicamente.

<sup>98</sup> Cf. *Ibid.*, pp. 190 - 194.

não poderia entrar no Reino dos céus, isto é, na região da justiça real e plena. O Reino dos céus não passaria de uma mera utopia.

Há no ser humano uma dependência do dom incondicional do amor. Ele precisa aceitar o dom para chegar a si mesmo, para não ficar preso em sua própria “justiça” que o mantém injusto. Abrindo-se gratuitamente à graça, o ser humano é remitido à justiça divina cuja superabundância se chama Jesus Cristo. Ele é a justiça divina que ultrapassa o necessário, que não faz cálculos, que ama sem medidas.

No entanto, a graça não abona a participação humana. Constatar que a graça supera o agir não significa uma depreciação do ser humano, nem mesmo o dispensa de empenhar-se com todas as suas forças, antes o convoca a render frutos em abundância, já que, pelo dom recebido, está em condições de realizar a justiça plena. Isso significa que para ser cristão não basta apenas uma contribuição obrigatória, mas que sempre vai além do exigido. Quando solicitado dá muito mais do que lhe pedem. Ser cristão é saber que ele vive em primeiro lugar pelos dons recebidos. Consiste em perdoar porque ele mesmo vive do perdão recebido. É dar-se porque ele vive daquele que se fez alimento por ele. Assim, a fé cristã proclama que Cristo é o auto esbanjamento de Deus e que a superabundância é a verdadeira definição de história da salvação.

e) *Irreversibilidade e esperança*<sup>99</sup>

A fé cristã afirma que em Cristo se realizou a salvação definitiva do ser humano e que, com Ele, começa o verdadeiro futuro irreversível do ser humano que, apesar de ser futuro, faz parte do presente. Esse enunciado encerra em si um princípio de irreversibilidade que é de suma importância para a forma cristã de existir, bem como para a decisão existencial que o ser cristão implica. Assim, constata-se que Cristo é o futuro que já começou e que ele é a irreversibilidade do ser humano.

No homem Jesus, Deus se disse definitivamente a si mesmo: Ele é a sua Palavra e, como sua Palavra, é ele próprio. A revelação não termina nesse ponto porque Deus a encerra e sim porque ela chegou à sua meta. Em Cristo se alcançou o objetivo da revelação e o objetivo da humanidade, porque nele o ser divino e o ser humano se tocam e se unem.<sup>100</sup>

<sup>99</sup>Cf. *Ibid.*, pp. 194 - 196.

<sup>100</sup> Ratzinger compreende que com esta unidade a humanidade consegue expandir-se para além de si mesma. Noutras palavras, a humanidade não consegue ir mais longe e

Segundo a concepção da fé cristã, o definitivo já existe na história; um definitivo aberto para o futuro. Isso significa que a decisão de Deus a favor do ser humano já foi tomada, portanto o elemento definitivo e irrevogável existe também na vida humana. A certeza de que o definitivo já existe e que justamente nele o futuro do ser humano se dá como aberto, é característico para toda a relação cristã com a realidade: o cristão não fica limitado ao presente, preso no agorismo, mas aberto ao novo de Deus, avançando com uma direção definitiva para o futuro.

Voltado para o futuro, isto é, desvinculado do império do efêmero, o cristão se integra naquela irrevogável esperança que o mantém firme no chão da Palavra. A fé na encarnação de Deus em Jesus Cristo não permite o desespero, pois ela acredita na irreversibilidade dos fatos e por isso, com alegre esperança, está aberta para o futuro.<sup>101</sup>

f) *O primado do recebimento e a positividade cristã*<sup>102</sup>

A afirmação central da fé cristã consiste na remissão do ser humano pela cruz, isto é, o crucificado é, em sua abertura total, a verdadeira salvação do ser humano.<sup>103</sup> Analisando-a estruturalmente, há uma preferência pelo receber em detrimento do fazer e do realizar próprios do ser humano. Trata-se da primazia do recebimento, mas que não pretende lançar o ser humano na passividade, como se esse pudesse ficar inerte. É justamente esse primado que dá a possibilidade de realizar as coisas desse mundo com responsabilidade, com alegria e liberdade, colocando a ação sempre a serviço do amor que salva.

O dom do amor exemplifica bem o primado do recebimento, uma vez que o amor só pode ser recebido como dom. O ser humano não pode “produzi-lo” sem mais alto, nem qualquer progresso maior sozinha. Ela não pode alcançar um ponto além de Cristo, porque Ele é, nesse sentido, o fim. Embora seja o fim é, simultaneamente, o começo, pois quando a humanidade se integra a Cristo não encontra um limite fixo, mas um espaço aberto para crescer e se desenvolver. Cristo não limita o ser humano, mas permite que se lance para além de si mesmo. Não tira nada, mas dá tudo.

<sup>101</sup> Ratzinger explica que o dinamismo da fé cristã, em todas as suas dimensões, está perpassado pela irrevogabilidade da ação divina. Exemplifica pelo sacramento do matrimônio: a irrevogabilidade da ligação entre duas pessoas, estabelecida com o sim do amor tem suas raízes nessa condição salientada. Noutras palavras: o matrimônio indissolúvel só pode ser entendido e realizado a partir da fé na decisão indestrutível de Deus em Cristo de unir-se em “matrimônio” com a humanidade (cf. Ef 5,22-23).

<sup>102</sup> Cf. *Ibid.*, pp. 197 - 199.

<sup>103</sup> Ratzinger elabora uma teologia da cruz que não iremos aprofundar por não ser nossa finalidade. Basta esclarecer que, neste contexto, ele compreende a cruz de Cristo como um sofrer “em prol de”, e como essencialmente a obra do indivíduo em prol do todo. E essa é a perspectiva da fé cristã: o ser humano não chega a si próprio por meio do que ele faz e sim por meio do que ele recebe.



a participação do outro. E só existe uma única maneira de se tornar *totalmente* ser humano: ser amado, permitir que sejamos amados. Deus proporciona esta realidade ao ser humano: “Deus nos amou primeiro”.

O fato de o amor ser a maior possibilidade e a mais profunda necessidade do ser humano, e o fato de essa condição mais necessária ser ao mesmo tempo a mais livre e incoercível, significa que o ser humano depende de um recebimento para ser “salvo”. Recusar o dom do amor é destruir-se como ser humano.

Esta primazia do recebimento inclui e revela a necessidade intrínseca da positividade cristã: uma vez que o ser humano não é capaz de realizar-se por si, aquilo que é verdadeiramente essencial para ele não pode ser produto seu, feito por ele, mas algo que se põe livremente em diálogo com ele e que se doa a ele.

O ser humano necessita abrir-se à positividade daquilo que está diante dele, que vem ao encontro dele, que se dá a ele. Para tornar-se o que é chamado a ser precisa receber; é preciso abrir a porta para que Ele entre (Ap 3,20). A humanização exige abertura livre e derramamento de si próprio, assim, em recíproca comunhão com o *totalmente Outro* o ser humano se torne *totalmente* ser humano.

#### **4.7 - À guisa de conclusão: a verdade como questão essencial da fé cristã**

Durante todo percurso deste trabalho (capítulos 2, 3 e 4), a questão da verdade foi o contorno necessário das reflexões e limitou especulação do tema da fé. A opção pela verdade como fio condutor das argumentações teológicas aqui apresentadas não foi aleatória, mas imperativa pela compreensão de Joseph Ratzinger, expressa na sua obra teológica: a questão da verdade está diretamente vinculada à questão da fé cristã.

A crise da fé é justamente uma consequência do abandono da pretensão da verdade. A verdade é essencial para o cristianismo, não como uma pretensão de superioridade, mas de identidade e de serviço à humanidade. Trata-se do núcleo existencial do cristianismo: o centro da verdade da fé Cristã é Jesus como salvador e mediador único para todos os homens. Portanto, para o cristão, a verdade não é uma idéia abstrata: “a verdade do que é o homem, do que é o

mundo, do que é Deus, ou seja, a verdade em geral é real na pessoa de Jesus Cristo”.<sup>104</sup>

Verdade e história estão em correspondência íntima. Ratzinger não fala em “historicidade da verdade” como tal, mas em sentido mais profundo, na qual a verdade vai ao encontro do homem em um movimento que avança historicamente e nele se desenrola. A verdade exige que o homem entre nesse movimento para descobri-la. Ela se revela no contexto da história, por meio da qual se torna acessível ao homem.

Numa época marcada pelo pluralismo religioso a verdade aparece como problema central também nas questões levantadas pela teologia das religiões. Também no atual contexto sócio-cultural o materialismo é predominante, sufocando ou mesmo negando a busca pela verdade. Este eclipse prorroga a crise da fé cristã, pois ataca seu centro, uma vez que a fé insiste na necessidade do anúncio da verdade que é o próprio Cristo.

A fé cristã tem a sua própria estrutura de verdade. Ela não fala de Deus, simplesmente, ou em seu nome. No cristianismo é Deus mesmo quem fala ao homem em sua Palavra. Deus vem ao encontro do homem e lhe possibilita seu ser pessoal em um sentido próprio, ao mesmo tempo que a comunhão com Deus e com todos os outros homens. O Deus tripessoal é o coração dessa fé e dela nasceu uma das principais contribuições do cristianismo para o pensamento humano. Apenas a fé cristã vive do Deus uno e trino, comunhão de pessoas. A fé cristã tem sua originalidade justamente no fato de crer no Deus tripessoal.

A fé cristã reconhece a divindade como valor transcendente e absoluto, como um Ser pessoal, não como uma Realidade impessoal. A transcendência de Deus não significa que ele é um mito intemporal, mas como uma transcendência compatível com a ação divina na história com os homens. Por isso podemos conhecer Deus pela razão e por meio da fé pela qual Ele se revela aos homens.

A concepção de pessoa que brota da fé cristã não é teórica, mas interpela a uns e a outros. A fé cristã professa que a pessoa humana foi criada à imagem de Deus e que isto tem implicações: foi criado essencialmente relacional e capaz da abertura ao outro.

Não se trata de uma superioridade, pois a verdade de Jesus Cristo, na clareza de sua exigência, é sempre serviço ao homem; é a verdade do que dá a

---

<sup>104</sup> RATZINGER, J. apud COMISSÃO TEOLÓGICA INTERNACIONAL, *O Pluralismo Teológico. A Igreja e as culpas do passado*, São Paulo: Loyola, 2002, p. 37.

vida pelos homens para fazê-los entrar definitivamente no amor de Deus. O anúncio de Cristo não pode ser uma imposição aos ouvintes, pois todas as estratégias humanas não alicerçadas no amor opõem-se a Cristo e à dignidade do ser humano.

Só em Jesus os homens podem salvar-se, motivo pelo qual o cristianismo tem clara pretensão de universalidade. A mensagem cristã dirige-se, portanto, a todos os homens e a todos há de ser anunciada.

Um dos grandes méritos da reflexão teológica de Ratzinger é a sua capacidade de penetração no dinamismo da fé cristã, percebendo as implicações dela no plano racional: a fé não é uma filosofia, mas imprime uma direção ao pensamento; não nasce da reflexão, mas de uma escuta que clama por resposta.

Ratzinger reconhece que a verdade da fé está ligada a seu caminhar histórico a partir de Abraão até Cristo, e de Cristo até a parusia. Assim, a fé não é um sistema de idéias, mas a participação num caminho e, desse modo, participação no *eu* da igreja. Este caminhar com confiança no Senhor que transcende a temporalidade implica num relacionamento com a práxis e com a história da fé. Como a fé está fundada no Verbo encarnado, seu caráter histórico e prático distingue-se essencialmente de uma forma de historicidade na qual só o homem seria o criador de seu próprio sentido.

Na compreensão da fé, Ratzinger supera as fronteiras da subjetividade individual e afirma que o sujeito comum da fé é a Igreja.<sup>105</sup> O ato de fé é sempre um ato por meio do qual entramos na comunhão com um todo. É um ato de comunhão. O nosso ato de fé é fundamentalmente um “co-criar” com toda a Igreja. A Igreja é o sujeito vivo da fé que atravessa os tempos e os abrange em si.

Para compreender o dinamismo da fé, Ratzinger salienta o caráter universal e missionário da fé cristã: a revelação de Deus deve ser sempre repensada, reformulada, anunciada e revivida no seio de cada cultura humana. O Logos assumiu uma cultura. Isso se faz necessário porque a fé cristã só oferece uma resposta verdadeira às interrogações que estão no coração de todo ser humano mediante a sua encarnação na realidade de cada ser humano,

---

<sup>105</sup> Ratzinger assume, assim como outros teólogos (em especial H. de Lubac), a reflexão sobre a eclesialidade da fé cristã. Jesus anunciou o Reino de Deus com sua Igreja. A Igreja está fundada sobre a confissão de Jesus Cristo, morto e ressuscitado, que ela anuncia e celebra na força do Espírito. Por isso, não há fé sem a Igreja.

sempre em continuidade e comunhão com a Igreja universal do passado e do presente. Ratzinger compreende esta dimensão universal da fé cristã, consciente de que o Evangelho de Cristo conduz cada cultura até sua plenitude.

Assim, percebemos a compreensão positiva da fé cristã, na teologia de Ratzinger, seus elementos essenciais e estruturais, o que nos permite dar um passo fundamental: inquirir sobre a possibilidade de uma verdadeira existência humana, pois a fé cristã, com sua força viva e vital, humaniza e liberta o ser humano e as culturas. Eis o percurso do próximo capítulo.